

MUSEU DE ARTE

DO R.G. DO SUL

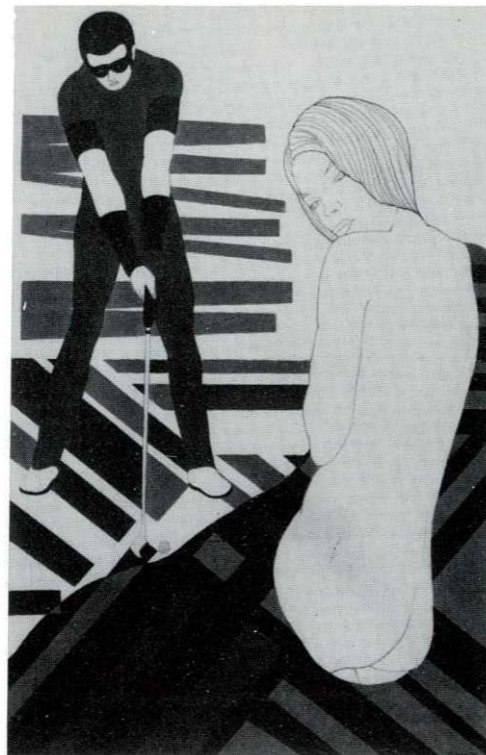


ARTISTAS DO
RIO GRANDE DO SUL

DESTAQUE DO MÊS DE DEZEMBRO
HENRIQUE FUHRRO



1975



1979

HENRIQUE FUHRO A IRONIA COMO SISTEMA

por Carlos Scarinci

Gravura:
A BURIL
2 CORES
DATA: 1979
TÍTULO:
COPÉRNICO

"Copérnico", gravura de Henrique Leo Fuhro, que o Museu de Arte do Rio Grande do Sul mostra como destaque neste mês de dezembro, é aparentemente muito simples, e o espectador apressado talvez nem se dê ao trabalho de uma tentativa de leitura compreensiva. Já que as artes plásticas, a gravura em particular, são só para se ver, possivelmente nem mereçam uma atenção mais detida, uma reflexão que procure sintonizar a proposta ou significação nelas contidas. No entanto, no caso da gravura de Fuhro, algo estranho acontece, pois torna-se difícil afastar-se da obra, sem a sensação de se ter sido atingido. E que tanto inteligência como sensibilidade se frustram se não se consegue apreender o seu sentido.

Na simplicidade de dois retângulos desiguais, um contendo um corpo de mulher parcialmente mostrado, outro, maior, com uma cabeça de homem em três quartos, quase de costas, mascarado, ocupando apenas pequena porção do espaço quadrado e que sai ou entra, por assim dizer, do enquadramento, algo é, de fato, pronunciado de uma maneira tão econômica que parece faltar elos de ligação para completar a sentença, alguma coisa que desenvolva o discurso até a conclusão conseqüente e necessária. No entanto, o discurso gráfico de Fuhro está inteiro nestas só duas imagens, recusando-se a dizer mais do que já está dito e, na verdade, está dito tudo.

Se se observa com detenção os retângulos e as figuras, pode-se apreender muito do trabalho metucioso do artista, sua exigência de nitidez e acabamento, o corte sendo assumido como jogo de sinais que conjuga artifícios capazes de produzir imagens que assemelham realidades. As cores se superpõem e recortam, garantindo a unidade da gravura, reforçando o caráter gráfico do sinal ou da linha produzidos pelo corte seguro do buril. Os enquadramentos mesmos, na disparidade de seus tamanhos, sugerem uma seqüência, como se fossem fotogramas de uma película cinematográfica, ou imagens de televisão numa sucessão congelada, ou quadros de uma historieta em quadrinhos separados acidentalmente dos outros que comporiam a narrativa. Tudo sugere um movimento que realmente não está na gravura, mas que produz um tempo que decorre estático, sustentando a relação entre as duas imagens.

Considerando apenas estes elementos, já se pode compreender que a "linguagem" que fala a gravura de Fuhro se apropria de componentes de diversas formas da comunicação de massas da atualidade. As próprias figuras saem quase diretamente, embora "traduzidas" para a linguagem da gravura, dos quadrinhos, da publicidade, da televisão, do cinema, compondo um conjunto já articulado, um sistema, que é o próprio "mundo" da atual sociedade de consumo. A figura da mulher não representa, pois, nenhuma mulher particular, real, mas um objeto, um padrão que pode comparecer no sonho de qualquer membro da "multidão solitária", ou seja: do homem médio que, não sendo mais do que uma ficção estatística, é cada um e ninguém. Por sua vez, a figura masculina mascarada do segundo enquadramento é um personagem, alguém cuja identidade é a própria máscara. É novamente qualquer um, é o agente, o usuário que realiza o consumo, ou melhor, que é realizado por ele. Os elementos assim se articulam num todo que se fecha sobre si mesmo, se faz sistema, elipticamente homólogo ao sistema da sociedade, a dimensão copernicana do mundo de hoje. A nota de ironia do título da gravura acaba fazendo parte da "mensagem", criando o distanciamento crítico que realiza tanto a concepção do mundo como a arte do gravador.

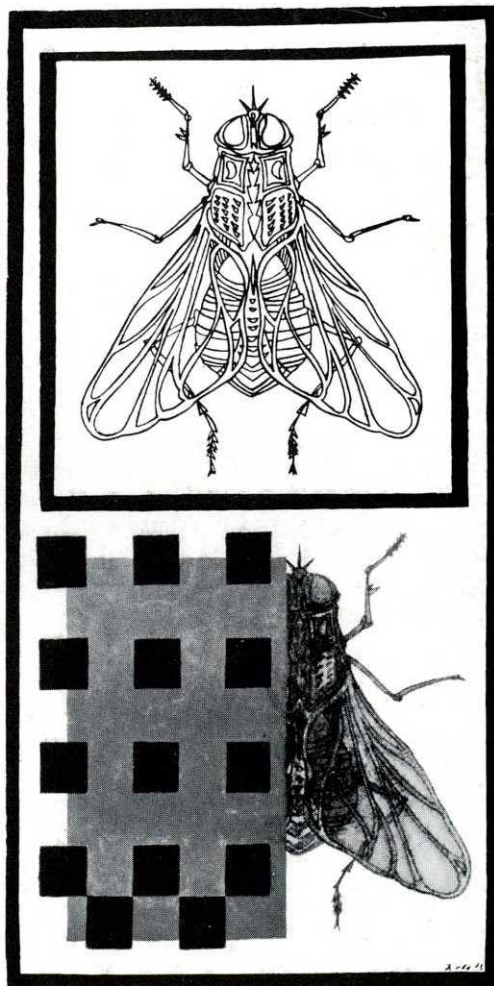
A gravura "Copérnico" de Henrique Leo Fuhro data de 1969. Seu exercício da gravura iniciou-se, entretanto, bem antes, em meados dos anos 50. As figuras femininas já eram um tema constante. Apareciam em evoluções acrobáticas, circenses, pedalando estranhas bicicletas. As figuras masculinas também executavam performances, ora solitárias, ora acompanhadas, utilizando instrumentos musicais ou fantásticas máquinas modernas. Pouco a pouco, a figura do mascarado, saído das histórias em quadrinhos, começa a freqüentar a obra do artista. Ao mesmo tempo, a linguagem gráfica de ênfase expressionista, associada a uma atmosfera mágica, senão surrealista pelo menos fantástica, vai-se tranquilizando numa espécie de realismo simplificado, típico de alguns dos melhores "comics" clássicos. Os temas ampliam-se, depois, abrangendo desempenhos esportivos, o futebol, o golfe, o tiro ao alvo, a motocicleta. A mulher e folhagens, os insetos talvez. Ainda não os frutos. E todos estes elementos vão compondo uma espécie de vocabulário iconográfico, enquanto os enquadramentos que os isolam ou justapõem produzem uma gramática que aproveita a "linguagem" da comunicação de massas, mas a fragmenta.

A partir dos anos 70, as imagens desdobram-se em sombras ou "fantasmas" televisivas, que enfatizam seu caráter comunicacional. Um pouco depois, Fuhro dedica-se ao desenho, depurando, ainda mais, sua linguagem gráfica. As folhagens e os insetos comparecem ao lado da figura feminina provocante: objetos e consumo sempre. A eles vão juntar-se os frutos, nacionais diga-se, reforçando a metáfora consumo-consumido. Nos desenhos, tarjas de cor reticulam o fundo, espécie de megaretelas foto-cinematográficas ou de televisão, diversificando e enriquecendo os elementos desta retórica gráfica. Assim, na medida em que se depura e enriquece, a gravura e o desenho de Fuhro tomam-se mais abrangentes do homem e do mundo atual, sua vontade de potência e seus objetos, seu desejo de consumo e o seu consumir-se. De tudo, resta uma visão crítica das coisas, que não sendo negativa, pois as aceita como são apenas, sutilmente, ironiza.

Exposições e Prêmios

- 1957 e 1958 - Salão de Artes Plásticas da Associação Francisco Lisboa (Porto Alegre).
- 1958 - Salão da Câmara Municipal, 1ª Feira da Gravura e 1º Salão Panamericano de Arte (Porto Alegre).
- 1963 - Expõe com Antônio Gutierrez no Instituto Cultural Brasileiro Norte-americano, (Porto Alegre). Além de participar da coletiva "Artistas do Rio Grande do Sul" e da mostra "14 Artistas Gaúchos", ambas organizadas pelo Museu de Artes do Rio Grande do Sul, esta última com a colaboração do Departamento de Cultura do Paraná.
- 1964 - Exposição coletiva na Galeria Portinari (Porto Alegre).
- 1965 - Individual na Galeria Portinari e participação no II Salão Cidade de Porto Alegre. Coletiva na Galeria Leopoldina (Porto Alegre), sendo incluído no álbum "Dez Gravadores Gaúchos" do editor Júlio Paccelo (São Paulo).
- 1966 - Participa do Salão de Abril do MAM (Rio de Janeiro), da mostra "A Arte Hoje no Rio Grande do Sul", da coletiva de maio na Galeria Espaço e expõe na Galeria Guignard (Belo Horizonte). Participa da I Bienal Nacional de Artes Plásticas de Salvador e obtém o prêmio "EXQUEO" na 2ª Exposição da Jovem Gravura Nacional no MAC de São Paulo, onde também participa da mostra "13 Artistas Gaúchos". Expõe em Porto Alegre e participa da coletiva "Tendências 66" na mesma cidade.
- 1967 - Expõe na IX Bienal de São Paulo. Participa de uma coletiva da galeria Quatro Planetas (São Paulo). Exposição individual em Porto Alegre. Prêmio de Aquisição em Gravura no Salão de Belo Horizonte, 1º Prêmio de Gravura no Salão Cidade de Porto Alegre. Participa do Salão do Paraná.
- 1968 - Participa da II Bienal de Artes Plásticas da Bahia. Prêmio Prefeitura de Curitiba no Salão do Paraná. Participa do Salão Nacional de Arte Moderna (Rio), da Coletiva Arte Atual Brasileira em Stanford (Califórnia). Individual na Galeria Goeldi (Rio). Calendário para a Cia. de Peiróleo Ipiranga, Salão de Campinas (São Paulo). Participa do II Salão Esso do Artista Jovem.
- 1969 - Isenção de Juri no Salão Nacional de Arte Moderna (Rio). Participa da mostra "Panorama de Arte Atual Brasileira" no MAM — São Paulo. Individual na Galeria do Instituto dos Arquitetos do Brasil (Porto Alegre). Escolhido pelo Juri de Seleção da X Bienal de São Paulo para integrar a Sala Brasileira neste certame. Participa do Salão Nacional de Arte (MG - B. Horizonte), expõe individualmente na Galeria Celina no Rio de Janeiro. Participa do Salão de Ouro Preto (M. Gerais). Prêmio de gravura no Salão de Campinas. Agraciado com o diploma "Destaque das Artes no ano de 1969" pela Câmara Júnior de Porto Alegre e Fierns.
- 1970 - Integra a representação brasileira na II Bienal Latino-americana Del Grabado - S. Juan - Puerto Rico. Integra a representação brasileira na Exposición Conjuntura de Grabados em Lima (Peru). Participa da Exposição "A Gravura Brasileira no Paço das Artes" — São Paulo. Integra a representação do RS na Pré-Bienal — São Paulo. Participa do Salão Nacional de Arte Moderna — MAM — Rio de Janeiro. É um dos 30 artistas nacionais escolhidos para representar o Brasil na XI Bienal de S. Paulo (ano de 1971). Participa da Exposição Panamericana de Artes Gráficas a convite do Museu de La Tertulia em Cali — na Colômbia. Prêmio Aquisição no Salão de Artes Visuais — UFRGS.
- 1971 - Exposição individual na Cyclo Galeria de Arte (Porto Alegre). Exposição com Francisco Stockinger na Galeria Astréia (S. Paulo). Participa da IX Bienal de São Paulo. Participa da Exposição Panorama da Arte Atual Brasileira — MAM — São Paulo.
- 1972 - Participa do Salão da Lâmpada promovido pela Eletrobrás no MAM do Rio de Janeiro. Participa da II Bienal Latino-americana de Gravura — S. Juan (Puerto Rico). Participa da I Bienal Panamericana de Artes Gráficas — Cali — Colômbia. Participa da Exposição "Arte/Brasil/Hoje, 50 Anos Depois", comemorativa aos 50 anos da Semana de Arte Moderna — S. Paulo.
- 1973 - Integra a representação brasileira na XIII Bienal de São Paulo, além de participar do Salão Nacional de Arte Moderna — Rio de Janeiro. Exposição individual na Galeria Guignard — P. Alegre.
- 1974 - Bienal Brasil 74 — Setor Desenho XXII Salão Nacional de Arte Moderna (Rio-GB) — Panorama da Arte Atual Brasileira — MAM — SP. Mostra de Gravura Brasileira — Bienal Brasil-74 — Série Desenhos para CRT - P. Alegre. Arte Gaúcha 74 — Mostra itinerante M.E.C.

- 1975 - XXVI Salão Nacional de A. Moderna (Rio-GB). Salão de Artes Visuais da UFRGS. Como artista convidado Coletiva inaugural da Galeria Eucatexpo (P. Alegre). Tiragem especial de gravura para a Panambra Sul Riograndense S.A. e Transfote Sul S.A.
- 1976 - "A figura humana" — Galeria do I.A.B. — P. Alegre. Exposição individual — Galeria do I.A.B. — P. Alegre — Série especial p/Ziui Hércules.
- 1977 - Álbum 5 serigrafias c/Stockinger, Gonçalves, Dexheimer e Jungbluth. I.A.B. — Porto Alegre — Prêmio Aquisição no VII Panorama Nacional de Artes Plásticas — Goiás — Panorama da Gravura e do Desenho Brasileiro — MAM — São Paulo — Série especial p/Ziui Hércules.
- 1978 - I Bienal Latino Americana de S. Paulo — S. Paulo. Créativité Dans L'Art Brésilien Contemporain — Musees Royaux des Beaux - Arts de Belgique, Bruxelles.
- 1979 - Arte Gaúcha — Galeria Bco. de Boston — S. Paulo. Eros/Mostra de Arte Galeria Arte Aplicada — S. Paulo. Prêmio Funarte/MEC 36º Salão Paranaense — Curitiba — Paraná.



1973

Bibliografia:

- Artes Brasil/Hoje/50 Anos Depois — Roberto Pontual (Ed. Collectio). — Dicionário das Artes Plásticas no Brasil — Roberto Pontual (Ed. Civilização Brasileira).
- Artes Plásticas em Questão — Walmyr Ayala (Ed. Vozes).
- Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos INL — (MEC).
- História da Arte Brasileira — Pietro Maria Bardi (Melhoramentos).
- Enciclopédia Delta Larousse.

Fontes diversas:

- Jornal do Brasil, Correio da Manhã, Veja, Tribuna da Imprensa, Correio do Povo, Zero Hora, Folha da Tarde, Jornal da Tarde, O Globo, Revista Vozes, Isto É, Vogue Artes, MS, etc.